

Um rasgo de amor

A cena, que vale a pena ser contada, passou-se, há cerca de um mês, num dos Hospitais de Lisboa.

Numa das camas da vasta enfermaria, um pobre velhinho aguardava a sua hora. Não tinha nem família, nem conhecidos, nem amigos. E, se algum dia os teve, não se acercaram nunca do seu leito de dor. Ele via os outros, os doentes seus vizinhos, receber visitas, ter um carinho de vez em quando nos mimos que lhes levavam. Para ele não havia um sorriso, nem sequer um olhar de piedade. Tudo era indiferença à sua volta. E não foram as palavras dos seus companheiros de infortúnio, julgar-se-ia um proscrito, sem cira nem beira, simples farrapo prestes a ser lançado na vala comum.

Um dia, visita o hospital uma destas raparigas que souberam compreender toda a grandeza do verdadeiro amor. Acorreu-se do leito abandonado e travou conversa com o pobre velhinho. Comoveu-a a tristeza daquela desolação e logo fez o propósito de tomar à sua conta o cuidado afectuoso do pobre doente.

Todas as semanas, a visita era certa. Uns presentinhos comprados à custa dos sacrifícios da semana (ela é operária e os tempos vão maus), umas carícias naquella fronte enrugada e pálida, umas palavras amigas de conforto e de amparo. Aquella alma, abandonada de todos, sem parentes e sem amigos, começou, a abrir-se para uma vida nova. A dureza da sua máscara foi-se quebrando. E, apesar da velhice, aflorou de novo, naquele olhar o sorriso da esperança.

A doença era mortal; a idade, a fome, a miséria, o trabalho rude e ingrato de uma vida inteira, sem o aconchego de um lar amigo, sem a alegria de viver.

Uma tarde, aguardava o doente a sua visita com um ar modificado. Lia-se-lhe no rosto mais alegria, mais brio, mais dignidade até. Que se teria passado no segredo daquela alma?

Sentindo próximo o seu fim, o pobre velho pensara manifestar, de maneira palpável, aquêle anjo de ternura que passou as azas pelo seu catre de moribundo, o muito agradecido que lhe estava pelo bem que lhe fizera. Mas como, se não tinha cira nem beira, se nada possuía no mundo?

A gratidão, como o amor, é engenhosa. E ei-lo, com um sorriso de infinda satisfação, a segredar à sua amável benfeitora: — quero deixar-lhe uma lembrança minha para lhe manifestar o meu reconhecimento por tudo quanto me tem feito. Como não tinha nada para lhe dar, guardei-lhe este tubozinho (era um tubo vazio de comprimidos). Como sei que vocês, as raparigas, gostam destas coisas, que servem para meter agulhas, reservei-o para si.

Foi com as lágrimas nos olhos que me contou esta pequenina história a rapariga... presenteadas. O velhinho nunca mais lhe falou. Na visita seguinte, já lá não estava. Tinha morrido...

Cena banal, sem relevo jornalístico, que fará sorrir talvez os duros de coração. Mas para aquella rapariga, o tubo vazio que o coração daquele velho lhe entregara, como prova de reconhecimento, vale mais do que um tesouro. Para nós vale um poema de Caridade.

A história podia contar-se doutra maneira. Não é ela afinal a realização daquella admirável palavra do Evangelho: «benditos... porque Eu tive fome e me destes de comer, estava doente e fostes-me visitar?»

Todo o cristianismo se resume aqui. A moral cristã, tão apregoada, até por quem a não conhece sequer, outra coisa não é do que isto: passar à vida de cada dia o mandamento novo — amai-vos uns aos outros.

Foi este amor dos irmãos que levou aquella rapariga a sacrificar o descanso dos seus domingos para espalhar um pouco de ternura pelos catres dos hospitais. Foi este mesmo amor, compreendendo já porque vivo, que levou aquêle moribundo a dar à sua benfeitora TUDO quanto conseguiu possuir à hora da sua morte.

Entre aquelas duas almas alguma coisa nasceu de novo e que a morte não conseguirá apagar. Segrêdo de uma vida nova que poderia tornar fecunda e bela a nossa vida inteira.

Esta história tão simples, ou o acto heroico dos que se deixaram prender ou morrer para salvar os seus irmãos da prisão ou da morte — actos heroicos de que anda cheia a história trágica desta guerra — são uma e a mesma coisa. Não é a grandeza do acto que o torna maior, mas o amor que nele se põe.

Pudéssemos nós todos pensar e agir da mesma maneira, pondo o nosso ideal, não no egoísmo da nossa vida, mas no maior bem dos nossos irmãos, e não haveria nem lutas, nem misérias no mundo. Todas as doutrinas que se apregoam como salvadoras, todas as reformas que se fazem para que a justiça melhor se realize, todos os esforços que se empregam para estabelecer a paz e a harmonia entre os homens serão completamente inúteis enquanto não nos convencermos de que o nosso maior bem pessoal e a nossa maior felicidade está em pensar mais nos outros do que em nós mesmos.

Dizia um grande industrial americano que era muito mais rendoso ser honesto do que desonesto. Da mesma forma poderemos dizer que é muito maior felicidade cuidar dos outros do que de si própria.

Não é verdade que a causa de todas as dissensões e tragédias, a causa de todas as injustiças e vinganças, de todas as lágrimas e misérias está em cada um procurar apenas realizar o melhor que puder o seu capricho e o seu bem-estar?

Haveria porventura salários baixos, famílias abandonadas, crianças ao desamparo, famintos pelas ruas, angústias morais e físicas sem conta, lares desfeitos e filhos sem pai, se cada um dos responsáveis destas tragédias tivesse pensado mais nos outros do que em si? Quanta miséria se não arrasta por esse mundo de Cristo só porque o chefe da família, sedento de maior prazer, abandonou a mãe dos seus filhos!

É um erro julgar que a palavra de Cristo foi esta: «não façam aos outros o que não queres que te façam a ti.» Isto já era um princípio de paz. Mas a sua palavra foi muito mais profunda, muito mais criadora, muito mais revolucionária: «faze aos outros o que desejaras que te fizessem a ti.» Palavra que o fogoso apóstolo S. Paulo interpretou com esta linguagem cheia de realismo: «lembra-te dos presos como se estivesses preso juntamente com eles, e dos pobres e famintos como se habitasses no mesmo corpo com eles.»

Nisto está o verdadeiro segredo da felicidade dos povos. Um povo que compreendeu todo o alcance social deste espírito cristão é um povo feliz, porque é um povo próspero e solidário.

O operário não trabalha então apenas para ganhar a sua vida, mas sobretudo para dar ao bem comum o esforço dos seus braços. O patrão não monta o seu negócio ou a sua indústria para mais facilmente enriquecer, mas sobretudo para prestar aos seus irmãos o maior serviço de que é capaz. O médico, o advogado, o funcionário público não exercem as suas funções para melhor viver, mas para melhor servir.

Para muitos, esta doutrina não se pode realizar. Mas quando a gente parte do princípio de que uma coisa é impossível, é evidente que não se fará nenhum esforço para a tornar possível. No entanto, o futuro da humanidade depende apenas deste conceito da vida. Nem exércitos poderosos, nem organizações internacionais, nem tratados, nem admiráveis arranjos políticos poderão bastar para salvar a paz do mundo. Mas era bastante, para realizar o milagre, convencer indivíduos e nações de que a sua própria felicidade e bem-estar dependia da felicidade e bem-estar que proporcionassem aos outros.

A regra salvadora é ainda de S. Paulo ao ensinar o mandamento cristão do amor fraterno: «não busques os teus interesses, mas os alheios.»

Sem a compreensão desta filosofia social não teria sido possível a cena comovedora do tubozinho vazio. Mas ela é bastante para abrir um facho de luz por sobre as trevas do mundo e uma restea de esperança por entre as misérias dos homens.

ABEL VARZIM